

O eterno caos no dia-a-dia da Rodoviária

Elmano Augusto

Os relógios da Rodoviária não se entendem. Um marca 18h28, outro 18h15 e um terceiro, o mais doido, 17h20. Na Rodoviária, o único local que reúne gente em Brasília, é assim. As coisas funcionam sem qualquer sincronia. Para o caos total, falta pouco. Os passageiros que mais a frequentam nem ligam para aqueles relógios. Sabem que não dá para confiar. A única certeza que se tem é que já passa das 18h dessa terça-feira.

Nessas horas, a Rodoviária fica impraticável. Milhares de pessoas compõem um nervoso balé, num vai-vem incessante. As filas diante dos pontos se entrelaçam no saguão, ajudando a coreografia. A fumaça e o barulho ensurdecedor dos ônibus enchem o ambiente de poluição. Mendigos, pivetes, camelôs, prostitutas, bêbados e equilibristas de toda ordem se misturam à multidão.

Passam sem ver — Indiferente ao movimento, Ronaldo Vieira do Nascimento, 15 anos, o Leite Moça, um dos muitos menores abandonados que "moram" na Rodoviária, cheira cola de sapateiro em frente à escada rolante. De brinquinho na orelha, ele sorri, descontroladamente. Os olhos cada vez mais vermelhos. Policiais passam perto, mas nada vêem.

Numa lanchonete, no térreo, outros meninos disputam, a tapas, uma **quentinha** com arroz, feijão e carne. A **quentinha** fora comprada por Negão, como prefere ser chamado José Rodrigues da Silva, 12 anos. De onde veio o dinheiro, ele não comenta. "Dei uns ganhos por aí", limita-se a dizer, com seu exótico corte de cabelo tipo à índio moicano.

No banheiro acima, no mezanino, um senhor de aparentes 40

anos mastuba-se alheio ao entra-e-sai de pessoas. Ao seu lado, um colegial, com pouco mais de dez anos, constrange-se com a cena e sai encabulado. "Todo dia tem isso aqui, o que é que se pode fazer?", desculpa-se o funcionário que dá plantão na porta do banheiro.

Dois mendigos degustam, a talagadas, copos de conhaque na Lanchonete Mar Del Plata, no saguão térreo. Gritam palavrões, alardeam bravatas, cantam músicas sertanejas. E acabam brigando. Outros mendigos intervém, mas parecem mais preocupados com os copos, que afastam antes de tomar o que sobrou. Neide Paulino, a dona da lanchonete, ameaça chamar a polícia. Os mendigos somem.

Nada de esmola — Com o passar do tempo, o burburinho aumenta ainda mais. Solitário, o cearense Manoel Camelo, 70 anos, pede esmola, fila por fila, exibindo um texto escrito numa folha de papel, com erros imperdoáveis mas caligrafia perfeita. "Perdi a voz numa operação", diz o texto. Ninguém acredita. Manoel fica sem esmolas.

No mezanino, o administrador da Rodoviária, Ivaldo Diniz, que abandonou por instantes a sua sala para mostrar o estado em que se encontra o local, bate boca com o administrador de transportes da Viplan, Hélio Custódio. Ele reclama dos ônibus que desembarcam passageiros fora dos boxes e que estacionam em fila dupla.

"Esses ônibus não podem deixar os passageiros ali. Você tem que ir lá, acabar com essa bagunça", ordena Ivaldo. "Doutô, não tem jeito. Aonde os motoristas vão parar? Nessa hora, os boxes estão cheios, não tem mais lugar. Eles têm que desembarcar

os passageiros ali mesmo", esquiva-se Hélio.

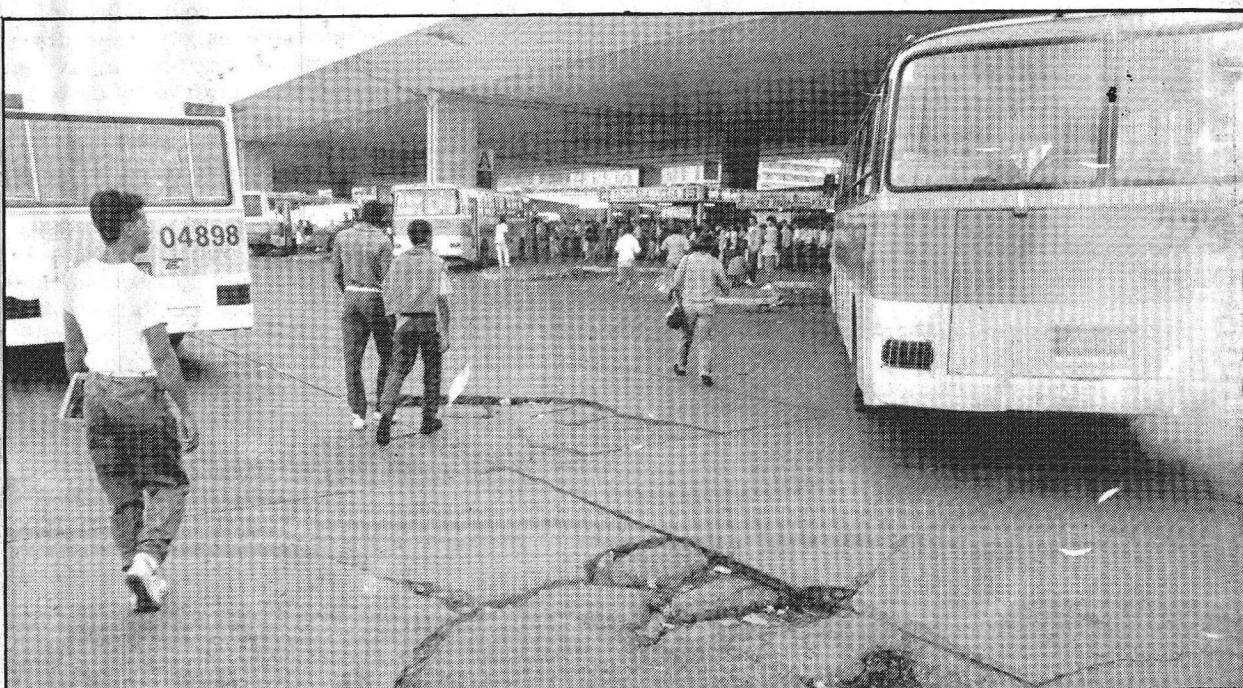
Com o chefe — Na descida, o administrador esbarra numa banca de venda de balas e doces, armada irregularmente na plataforma de embarque dos ônibus intermunicipais, que atendem ao Entorno. "Com ordem de quem a senhora colocou essa barraca aqui?", enraivece-se Ivaldo. "Estamos aqui desde ontem, e ninguém reclamou, nem o fiscal", defende-se a moça por trás da banca, sem saber que falava exatamente com o chefe dos fiscais.

De repente, um tumulto. Dois policiais despontam no meio da multidão, arrastando pelos braços um rapaz negro e franzino. "Foi roubo? Foi roubo?", todos querem saber. Não foi. O rapaz tentara furar uma fila no ponto de ônibus. Os passageiros não deixaram. O esperto insistiu, e acabou preso.

Ivaldo continua o passeio. Mostra as infiltrações nas paredes, buracos no teto, rachaduras nas grossas estruturas que suspendem as plataformas superiores. "A Novacap está fazendo uma revisão geral. As obras devem começar nos próximos dias", diz o administrador.

Sempre voltam — Um mendigo se arrasta pelo chão perto da escada rolante. Junta-se a outros que fazem ponto no local. A promiscuidade é completa. "A gente tira eles daqui, põe no abrigo e eles voltam. É sempre assim". No gramado que dá para a Esplanada dos Ministérios, uma família de migrantes despeja seus sacos e malas. Vai esperar só a chegada da noite para se alojar também na Rodoviária.

Já passam das 19h, e o movimento começa a diminuir. O administrador Ivaldo retorna à sua sala, no mezanino.



Os usuários sofrem de todo jeito: enfrentam buracos na chegada e filas intermináveis na saída